

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº138 - MARÇO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLDOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

138



FLÁVIO DUTKA

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: NOVAS E VELHAS NARRATIVAS

Clarides H. de Barba, Rosângela C. S. Rodrigues



Clarides H. de Barba, Rosângela C. S. Rodrigues
Professor de Filosofia – UFRO, Supervisora educacional
clarides@unir.br , rosakaranto@bol.com.br

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: NOVAS E VELHAS NARRATIVAS

Estamos vivendo um novo século, uma nova era. Quem precisava de um acontecimento histórico para marcar essa passagem teve em 11 de setembro de 2001, o espetáculo da explosão do World Trade Center. Uma das características da pós – modernidade, é a transformação de tragédias em grandes espetáculos.

Na atualidade, a máxima de Karl Marx: “tudo que é sólido desmancha – se no ar”, nunca antes foi tão precisa. Vivemos a era do espetáculo, do fugaz, do efêmero, da velocidade e da virtualidade, onde nada dura, tudo passa. Nossas velhas instituições: família, escola, igreja, polícia, congresso, universidade, a tempos foram atentadas. Hoje a televisão, o rádio, o jornal são fontes consagradas de “verdades e realidades”.

Como herdeiros de uma nova era, mas com corações e mentes no século passado, nos prendemos aos velhos problemas e ignoramos o presente. Apesar de todo avanço tecnológico e científico, existem problemas do século passado que ainda não foram superados – a desigualdade social é um deles.

Neste artigo, apresentamos uma proposta de ruptura como passado. Seria ingenuidade de nossa parte querer negar as contribuições de Paulo Freire, Demerval Saviani, Moacir Gadotti, José Libâneo e de tantos outros teóricos de renome que fecundam o campo da investigação pedagógica e filosófica da educação.

Nossa proposta é de lançar nosso olhar para a modernidade. Certos de que o passado é presente, mas que para entendê –lo é preciso pensar no “devir”, no vir a ser e nas possibilidades eminentes do presente que começam a constituir uma nova concepção de mundo, de homem e de educação.

Gostaríamos de contribuir com a compreensão do mosaico do pensamento pedagógico, através das novas “lentes” oferecidas pelos pressupostos filosóficos apresentados por Paulo Ghiraldelli Júnior, um dos mais atuais estudiosos da filosofia da educação no Brasil.

Procurar pensar o que é Filosofia? O que é Filosofia da Educação? Quais seus representantes? Quais as contribuições das teorias pedagógicas para a melhor compreensão do processo ensino – aprendizagem? Que relações podem ser estabelecidas entre o discurso teórico e a prática pedagógica? São questões que ainda não foram superadas de todo o terreno pedagógico.

FILOSOFIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Definir filosofia e filosofia da educação não é uma questão simples, pois a sua pluralidade conceitual varia de acordo com a concepção epistemológica defendida pelos diferentes filósofos. Para alguns, a filosofia deveria se preocupar com a essência, para outros a atenção deveria voltar – se para o fenômeno, uns acreditam que a busca da verdade é a função da filosofia . Platão considerava a filosofia como o desenvolvimento do saber em benefício do homem.

Para este trabalho, iremos considerar a concepção de filosofia e de filosofia da Educação de Demerval Saviani: (...) *podemos conceituar filosofia como uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta. (...) Filosofia da Educação não seria outra coisa senão uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta (2000:20)*

De acordo com esses princípios, a capacidade do educador de pensar sobre sua prática cotidiana, vai muito além de enumerar as teorias da educação de acordo com as concepções pedagógicas e de saber se está sendo construtivista, tradicionalista, idealista ou racionalista. A atitude filosófica, requer a habilidade de identificar, analisar e resolver os problemas da educação.

De acordo com Saviani, a tarefa de Filosofia da Educação é de oferecer aos educadores um método de reflexão que lhes permitam encarar os problemas educacionais, penetrando na sua complexidade e encaminhando a solução de questões tais como: conflito entre filosofia de vida e ideologia na atividade do educador, a relação entre meios e fins da educação, a relação entre teoria e prática, os condicionamentos da atividade docente, até onde se pode contá-los ou superá-los Saviani (2000: 23).

Os educadores precisam compreender que consciente ou inconscientemente toda prática pedagógica está embasada numa teoria, numa filosofia, ou seja, numa concepção de mundo, de educação e de homem que se pretende formar. Esta deveria ser a primeira definição a ser feita, antes mesmo de se definir quais os objetivos da educação.

Nossa educação tem sido pautada pelos princípios do silêncio, da obediência, do autoritarismo, da hierarquia, da ordem, da passividade, da dissimulação, (fingir o ensinar e o aprender) da omissão, da exclusão, da fraude, da rotulação e da desigualdade. Como resultado dessa prática espera-se que o aluno seja um cidadão crítico, atuante, participativo, honesto, solidário, criativo e humano. É a grande contradição se revelando entre o discurso e o fazer pedagógico.

Nos saberes necessários à prática docente, Paulo Freire nos ensina: *No processo de fala e escuta, a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um "sine qua" da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar, é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável de expressá-la. (2001: 131)*

Como esperar do aluno que atravessa a educação básica (11 anos) sobre a égide do silêncio, tenha consciência do seu direito de voz? Mais do que um ser que escreve, o homem pode ser definido como ser que fala. Somos seres narrativos. Nossas relações pessoais, sentimentais, amorosas, são permeadas pela oralidade. A escrita no papel não tem a mesma força ordenatória ou salvadora que tem a palavra expressa pela fala. Os psiquiatras nos seus consultórios e os padres nos confessionários conhecem muito bem esse poder.

Precisamos abrir espaços de comunicação com nosso aluno, permeada pelo ato da fala e da escuta. Deixar que o aluno fale sobre seu cotidiano, seus sonhos, sua família, seus desejos, seus medos, suas decepções, suas alegrias, suas tristezas, suas fantasias, seus conhecimentos é a forma de considerá-lo como sujeito de sua história. É construir sua identidade e subjetividade pessoal.

Moacir Gadotti, demonstra que se a escola não é o lugar possível para o diálogo para educadores e educandos, é porque na sociedade, a liberdade de expressão não é uma atitude desenvolvida de igual direito para todos. Como desenvolver o diálogo numa sociedade de conflitos?

Qual é o papel do educador crítico nessa sociedade? Essas são as questões que irão permear a pedagogia do conflito.

A pedagogia do conflito é a teoria de uma prática pedagógica que procura, não esconder o conflito, mas afrontá-lo, desmascarando-o. Para lutar contra as desigualdades, elas devem estar evidentes para todos os membros de uma sociedade e não ser percebida como um fato natural e universal.

Os conflitos existem porque os interesses das classes sociais são divergentes. Uns lutam pela manutenção do status quo, outros querem a transformação da estrutura social a fim de que se desenvolva maior equidade social. Nesse contexto, o papel do educador segundo Gadotti deve ser: *crítico e revolucionário. Seu papel é o de inquietar, incomodar, perturbar: a função do pedagogo parece ser esta: à contradição (opressor/ oprimido, por exemplo) ele acrescenta a consciência da contradição. Foi isso que fizeram por exemplo Lao-tsé, Sócrates, Marx, Nietzsche, Freud, Mao Tsé-tung, Freire, Amílcar Cabral, Gramsci e outros grandes nomes da história antiga ou contemporânea (1988:120)*

Essa não é uma tarefa fácil, mas o educador precisa assumir esse desafio, nessa sociedade de conflitos, de classes e de interesses diferentes, de criar condições necessárias que fortaleçam o aparecimento de uma nova concepção de homem, materializada em pessoas conscientes, solidárias, organizadas e capazes de superar o individualismo. No contexto da dominação política e da exploração econômica capitalista, o papel do educador revolucionário é o de ser um agente atuante do discurso contra-hegemônico.

Toda classe que assume o poder passa a lutar para que o seu conhecimento seja aceito, dizimado e aceito como natural e verdadeiro. O desejo de hegemonia faz com que os outros saberes sejam relegados, esquecidos e eliminados. Nesse sentido é preciso questionar a hegemonia de uma classe e de uma forma de conhecimento e de um discurso. Sendo essas modalidades hegemônicas (poderes) colocadas em evidências, abre-se uma possibilidade de vislumbrar as bases estruturais do sistema capitalista, e dessa forma "minar" o seu sustentáculo.

CONTRIBUIÇÃO DE ALGUNS AUTORES

As idéias filosóficas de Paulo Freire, Moacir Gadotti e Demerval Saviani, contribuíram de forma significativa para a formação da concepção da educação como um ato político e transformador da realidade social. Essa concepção foi lida por muitos professores e pedagogos de forma equivocada. Em consequência, a prática pedagógica passou a ser direcionada para a formação política em detrimento das demais habilidades necessárias a formação de um sujeito atuante na sociedade e conhecedor de sua história.

José Carlos Libâneo irá perceber que o monopólio do conhecimento é o fator que contribui para a manutenção de uma estrutura social. A possibilidade para mudança está na apropriação do conhecimento por parte daqueles que estão à margem da sociedade. É este o princípio que irá reger a Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. Segundo Libâneo, a Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos: (...) *postula para o ensino a tarefa de propiciar aos alunos o desenvolvimento de suas capacidades e*

habilidades intelectuais, mediante a transmissão e a aquisição ativa dos conteúdos escolares, articulando no mesmo processo, a aquisição e noções sistematizadas e as qualidades individuais dos alunos que lhe possibilitam a auto-atividade e a busca independente e criativa das noções(1994:70)

De acordo com o pensamento de Libâneo, é através do domínio de conteúdos científicos, de métodos de estudos e habilidades e hábitos de raciocínio científico é que os alunos poderão formar consciência crítica face às realidades sociais e assim terão capacidade de assumir no conjunto das lutas sociais a sua condição de agentes ativos das transformações sociais e de si próprios.

Apesar das considerações apresentadas, nosso objetivo não é o de demonstrar, por exemplo uma trajetória teórica de Paulo Freire desde a “Pedagogia do Oprimido” até “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente”, ou sobre a Pedagogia Libertadora, o que não é uma tarefa fácil quando se quer apresentar algo de novo. Paulo freire é um dos autores mais lido, discutido, criticado, odiado e amado por esses rincões do Brasil. É preciso perceber que seus estudos inauguraram a possibilidade de um pensamento autônomo do sistema educacional.

Demerval Saviani, foi um dos pioneiros na década de 70, a desenvolver a tentativa de encaminhar dialeticamente o problema dos objetivos e meios da educação brasileira. Sua teoria, sobre a “curvatura da vara agregada aos pressupostos da pedagogia para além da essência e da existência” causaram várias discussões no seio acadêmico (2000: 62).

O estudo das tendências pedagógicas na prática escolar: liberais e progressistas¹, realizado por José Carlos Libâneo, trouxe grandes contribuições para o campo educacional. Através da tendência Crítico Social dos Conteúdos, foi possível aos educadores, a compreensão da necessidade da valorização dos conteúdos em confronto com as realidades sociais.

Por sua vez, Moacir Gadotti, através de sua “pedagogia do conflito”, apesar do autor considerá-la como prática e não como teoria, nos demonstra que “toda construção da história e de suas idéias é certamente desconstruída, contraditória, fragmentada, como aliás, a história das idéias de todos os tempos” (1988: 118).

Descrever sobre qualquer um dos autores citados, que com certeza contribuiriam de forma significativas e com idéias inovadoras para a compreensão do sistema do ensino brasileiro, sem cair na mesmice ou numa postura passional é quase que impossível. Seus pensamentos representam postulados teóricos que atenderam as expectativas e as necessidades de uma determinada época histórica.

CONCEPÇÃO DA VERDADE E TEORIA DEFLACIONÁRIA

Ghiraldelli compreende o grupo de teóricos conhecidos como os deflacionistas². Antes de nos aprofundarmos nesse campo desconhecido, se faz necessário compreender a questão que fundamenta os trabalhos desse grupo – A concepção da verdade. A verdade é o tema central da Filosofia, da Filosofia da Educação e

¹ No quadro das tendências liberais inclui-se: a tendência tradicional, a renovada progressista, a renovada não-diretiva e a tendência tecnicista. No segundo grupo estão presentes: a tendência libertadora, a libertária e a crítico social dos conteúdos, a qual é defendida pelo autor.

do próprio pensamento pedagógico. O que mantém a crença nos discursos de um indivíduo, os quais ele desenvolve no decorrer do dia, de acordo com seus variados papéis sociais é a verdade, ou numa leitura foucaultiana, o desejo de verdade:

Se nos situarmos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso, não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se situamos em outra escala, se levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nosso discurso, essa vontade de verdade que atravessou tanto séculos de nossa história ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber é talvez algo como um sistema de exclusão: histórico, institucionalmente constrangedor que vemos desenhar-se(2000:14).

Se por exemplo uma turma de alunos desconfiasse que o discurso proferido pelo professor não está condizente com a verdade, dificilmente eles permaneceriam na sala de aula. A crença na verdade é que move os nossos passos rumo ao futuro.

Da Grécia Antiga até o advento da pós-modernidade foram inúmeros os teóricos e filósofos que se preocuparam em estabelecer a essência da verdade. Na atualidade, esses estudos compreendem a Teoria da Correspondência³, a Teoria da Coerência⁴ e a Teoria Deflacionária⁵. Vamos centrar nossa atenção nessa última, pois acreditamos que ela apresenta uma ruptura epistemológica frente aos postulados estabelecidos pelas teorias anteriores.

De acordo com Ghiraldelli, o deflacionismo é o movimento dos filósofos adeptos da teoria da verdade que dessubstantivam a verdade, que desessencializam a verdade, ou no limite, que retiram da verdade qualquer conotação metafísica. (Estilos em educação. 2000:17)

O verdadeiro ou a verdade para os deflacionistas, pertence ao campo da pragmática linguística. A verdade estaria "reduzida" a uma questão de retórica. Bem sabiam os filósofos gregos.

Que contribuições essa teoria oferece para a compreensão da filosofia da educação ou para a pedagogia? O que Ghiraldelli tem de comum com Freire, Saviani, Gadotti e Libâneo? Como tal teoria pode favorecer o entendimento das relações estabelecidas em sala de aula entre professores e alunos?

Para os deflacionistas, a verdade revela-se ou pode ser estudada no âmbito dos discursos. Como estudiosos da educação, a primeira coisa que deveríamos fazer é observar os discursos provocados pelas várias teorias ou tendências pedagógicas. Deveríamos calcular a força de cada pedagogia ou suas incongruências através da escada de Ransey.

Ransey é visto por Ghiraldelli como o pai das atuais teorias deflacionárias. O que vem a ser a escada de Ransey?

A metáfora da escada é a seguinte: na base podemos dizer "p", no primeiro degrau podemos dizer "é verdadeiro que p", no segundo degrau colocamos "está na ordem do universo que p", e assim por diante, de modo que um dos últimos degraus (se é que isto tem fim) envolveria o máximo de floreamento que a linguagem pode dar, de

² Para Ghiraldelli, autores deflacionistas, são aqueles que discutem tanto determinado assunto que chega a apresentar-se de maneira formalizada. O tema da verdade é muito discutido entre estes estudiosos.

³ Teoria da correspondência: Uma proposição é verdadeira se e somente ela correspondesse aos fatos.

⁴ Teoria da Coerência : Uma proposição seria verdadeira na medida em que apresente uma ótima adequação a proposição e ou sentença.

⁵ Para a teoria deflacionária, a concepção de verdade é redundante, isto é, o que falamos sobre a verdade é algo puramente formal.

modo a realizarmos uma boa performance linguística segundo interesses determinados. Ser deflacionista é, então, acreditar que, do ponto de vista que poderíamos encontrar de substancial nas frases que são postas nos degraus da escada, a perspectiva da base da escada. Se alguma diferença há, ela não é uma diferença substantiva ou metafísica, mas apenas retórica (Estilos em Filosofia da Educação, 2000: 18)

Na tentativa de analisar o discurso pedagógico brasileiro como base nos pressupostos da escada de Ransey, Ghiraldelli nos apresenta uma análise sobre os discursos elaborados por Paulo Freire, Anísio Teixeira e o marxismo pedagógico. Em suma, para os deflacionistas, *o grande problema da pedagogia advém da postura não – crítica de professores que não percebem que Paulo Freire e o marxismo pedagógico em termos filosóficos, estão ainda no século XIX. (Estilos em Filosofia da Educação, 2000: 21).*

Dos discursos citados, o que “caiu na estrada e foi sufocado pelas pedras” foi o discurso de Anísio Teixeira. Ele foi esquecido porque era consciente da verdade redundante, que não pertence ao campo da metafísica, mas ao campo da pragmática da linguagem.

Os professores e pedagogos acreditaram (de acordo com seus desejos de verdade) naqueles que tinham na boca a “fala de Deus”, daí terem se jogado nos braços do que houve de mais dogmático na história da educação brasileira, que foi o que Ghiraldelli caracterizou de marxismo pedagógico dos anos de 1980.

Investigar uma palavra é vê-la em sua relação com outras palavras, ver seu uso e fazer uso dela. o mesmo de ser feito com os discursos. Afinal, todo discurso expressa o desejo de verdade de uma palavra.

Apropriar – se do discurso deflacionário para Ghiraldelli induz a pergunta sobre a essência da verdade. Esta torna-se parte de um projeto de descrição de como a comunicação acontece, como é que acontece algo empírico pelo qual somos capazes de nos comunicar enquanto seres que emitem sons, ruídos e significado.(filosofia da Educação,2000:52)

A nova postura pedagógica que busca construir um novo referencial de entendimento da educação é a “pós – virada em favor das narrativas”. Esta nova postura em filosofia da educação representa um conjunto dinâmico de preceitos que parecem querer vingar uma nova postura de uma nova geração de professores compromissados com a fertilização da imaginação, mais do que com o conhecimento dos saberes.

A imaginação constitui um dos fatores internos imprescindíveis à aprendizagem e a cognição dos alunos. Para que essa possibilidade se materialize, se faz necessário, localizar o aparecimento do novo pensar e agir e a de conhecer o velho. O saber constituído, que se quer natural e universal, e nega com isso a pluralidade de culturas existentes no cotidiano.

De acordo com De Certau:

(...) no cotidiano existem mil maneiras de jogar/ desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros em termos de discursos ou prática de escrita. Esse jogo caracteriza-se numa atividade sutil, tenaz, resistente, de grupos, que, por não Ter um próprio, deve desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas manifestas nos atos de andar, falar, ler, cozinhar.(1994: 79)

A "pós-narrativa" caracteriza-se por uma retórica educacional em construção. Até o século XVII e XVIII, a realidade era considerada através da metafísica. Com o advento da modernidade ou pós-modernidade, o real passou a ser uma questão debatida por narrativas formadoras de novos espaços: o cinema, a literatura, a ficção, a arte, a música, a poesia, a indústria cultural, o jornal televisado ou escrito.

O primeiro passo do processo educativo na "pós-narrativa", começa pela consciência de que temos várias descrições do que chamamos de realidade. "Dependendo das palavras, certas coisas existem e são importantes. Se as palavras são outras, estas coisas são lixo (...) Tudo é discurso: a ciência, a religião, o saber, a arte, a educação. Há um discurso opressor e um discurso libertador" Gadotti (1988: 56).

Os discursos (falados, escritos) são materializações das vontades de verdade e de poder. O discurso de quem já está no poder é "opressor" porque o seu objetivo é a manutenção do "status quo" e, o discurso de quem está a margem do poder, pressupõe um discurso "libertador", pois sua função é a de o homem de sua posição de "oprimido".

Na escola se faz necessário construir nos alunos a habilidade de escrever e ler as diversas formas de gêneros discursivos. É essa nova forma de encarar a educação que encanta os educadores cansados pelo tecnicismo oficial e pelo neo-tecnicismo progressista. Recupera assim, na sala de aula, a beleza, o indivíduo, o pessoal, o poético, o inconsciente, a emoção.

O real, na atualidade, é uma escrita discursiva. Assim sendo, o termo realidade é complexo, não só porque entre a realidade e a ficção existe uma linha tênue, mas porque ambas estão sendo conceituadas e expostas segundo meios de comunicação cada vez mais inusitados. Em alguns extremos, a virtualidade é preferida frente a realidade.

A adoção por si só das narrativas no espaço escolar, não irá solucionar os problemas do ensino nem tão pouco revelar as nuances das diversas formas de discursos. É no fazer pedagógico e na relação professor e aluno, que as narrativas devem ganhar sentido e encontrar "jogos de linguagem" ou seus significados.

Os "jogos de linguagem" ou jogos imaginários, são estruturados de diferentes formas, estilos e gêneros recorrentes conforme o interesse em jogo. Há mensagens discursivas que causam maior efeito se forem transmitidas através da música, da poesia, da literatura, de um filme, de uma novela. Há outras que necessitam da obrigatoriedade para poder se impor, ou para que a ordem seja mantida, nesse campo aparecem as leis, os decretos-leis, os ofícios, os memorandos, enfim todo do Código de Direito.

As teorias desenvolvidas pelos professores deveriam ser entendidas como forma de narrativas. A ciência, os mitos, o senso comum, as lendas, são narrativas discursivas construídas pelos homens de forma histórica e social.

Um discurso filosófico, educacional, político, poético, ou literário, são a priori, narrativas, são discursos, são criações humanas elaboradas com o objetivo de conquistar o coração e a mente de outrem em favor do seu desejo de verdade.

Se os diversos discursos forem vistos como narrativas, o professor não pode privilegiar uma forma de conhecimento em detrimento de outra. Amplia-se assim, o acesso a formas variadas de conhecimentos e a utilização de recursos metodológicos como a televisão, o rádio, a internet, o cd-rom, o vídeo-cassete, o gravador, a filmadora. O quadro e o giz não podem continuar sendo a única referência do espaço escolar.

Em suma, as velhas fórmulas e as antigas teorias devem ser vistas como conhecimentos necessários para identificar nos atuais discursos o que já foi superado e o que nesse “mar de palavras” pode contribuir para o processo de aprendizagem dos nossos alunos.

Hoje, precisamos nos apropriar de novos instrumentos de análise da realidade social e educacional, pois querer enxergar o presente e vislumbrar o futuro com os olhos do passado é o mesmo que exigir da borboleta que volte ao casulo para aprender a voar com maestria.

Em termos de tendências pedagógicas e filosóficas apresentadas nesse estudo e para fins exclusivos deste, organizamos a seguinte proposta para a melhor compreensão dos atuais problemas que envolvem o campo educacional.

Por um momento, suspendemos as teorias de Paulo Freire, Moacir Gadotti, Demerval Saviani e José C. Libâneo que são considerados representantes da tendência histórico-marxistas e procurar os sentidos dos discursos pedagógicos com base nas propostas apresentadas por Ghiraldelli, que propõe a análise dos discursos, como forma de marcar as discontinuidades, as rupturas, as formações e reproduções de idéias desencadeadas pela lógica do poder centralizador e que se quer hegemônico, natural e universal.

BIBLIOGRAFIA

CERTAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1994.

FOUCALT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo, Loyola, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo, Ática, 1988.

GHIRALDELLI JR, Paulo (org.). **Estilos em Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

_____. **O Que Você Precisa Saber Sobre Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

SAVIANI, Demerval. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. São Paulo, Autores Associados, 2000.

_____. **Escola e Democracia: Polêmicas do Nosso Tempo**. São Paulo, Autores Associados, 2000.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Nunca deixei
de pensar em mim,
apesar de fingir estar
onde os outros estão
e ser mais uma peça
do jogo monótono*

*Os idiotas me diriam sábio
os sábios, melancólico*

Pois não é que me vi os dois?

*E agora não sei mais
onde fica a porta
nem se estou numa sala
ou numa caverna*

CARLOS MOREIRA